

Occitano.

Hipótese de origem provençal do subdialeto da Beira Baixa e Alto Alentejo

Paulo Feytor Pinto*

"Nos fins do século XII chegaram mais francos a Portugal, auxiliando D. Sancho I na política de fomento. (...) É indiscutível que no início do século XIII se deu a chegada de uma nova vaga de colonos que contribuíram para o povoamento do Alto Alentejo. (...) O nome de várias povoações, como Montalvão, Nisa, Tolosa e Arês, supõe a existência de topónimos do sul da França que se prendem ao seu inicial povoamento." (Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, 1977)

"temos uma extensa área da Beira-Baixa e do Alto-Alentejo (...) em que se regista uma profunda alteração do timbre das vogais. Os traços mais salientes são: a) a articulação do u tónico como [ũ] (próximo do u francês), por exemplo *tũ*, *mũla*, por *tu*, *mula*; b) a representação do antigo ditongo *ou* por [õ] (também semelhante ao som correspondente do francês), por exemplo, *põca* por *pouca*; c) queda da vogal átona final grafada -o ou sua redução ao som [ə], por exemplo *cop(ə)*, *cop(ə)s*, por *copo*, *copas*; *tũd(ə)* por *tudo*." (Celso Cunha & Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 1984)

Introdução

Neste texto identificam-se factos que permitem estabelecer uma relação entre o povoamento franco do Alto Tejo, no século XIII, amplamente registado na historiografia portuguesa, e os traços distintivos da atual região subdialectal da Beira Baixa e Alto Alentejo.

Trata-se de uma proposta de história social da origem do subdialeto que procurará compreender factos linguísticos — timbre de vogais, toponímia e regionalismos — através da análise de factos políticos, religiosos, militares, genealógicos e demográficos, mas também linguísticos, que se observaram nos territórios em questão: o Alto Tejo português (concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Proença-a-Nova, Mação, Vila Velha de Ródão, Nisa e Castelo de Vide) e regiões do sul e leste de França (Pirenéus, Languedoc, Provença, Ródano-Alpes, Borgonha e Franco-Condado), principalmente nos séculos XII e XIII.

A caracterização do povoamento da sub-região dialectal, da situação religiosa, política e militar no local de origem dos povoadores e do eventual itinerário por eles percorrido entre os dois territórios assentou em pesquisa bibliográfica em trabalhos gerais sobre a história de Portugal, de Leão e Castela, de Barcelona e Aragão, e de França. A identificação da língua, da sua estrutura e funcionamento, também resultou de pesquisa em bibliografia da especialidade. Já para a identificação da maior parte dos topónimos com eventual origem occitana foi feita uma pesquisa nos dados disponíveis em linha, do Instituto Geográfico do Exército. Os itens pré-seleccionados, por não serem palavras dicionarizadas do português nem topónimos registados noutras regiões do país, foram depois

* Escola Secundária de Mirafleres, Escola Superior de Educação de Setúbal e Instituto de Linguística Teórica e Computacional.

confrontados com vocabulário do occitano contemporâneo¹. Uma recolha, editada em 1948, de regionalismos da região de Nisa também foi comparada com léxico occitano atual.

Este breve estudo teve em conta a história e a língua do Alto Tejo e do sul de França, ficando por investigar aspetos que poderiam certamente clarificar a relação entre os dois territórios nomeadamente os oragos, a heráldica autárquica e os antropónimos (apelidos). Apesar disso, foi possível identificar com alguma segurança quem eram, de onde eram, porque vieram, quando vieram e por onde vieram os primeiros (re)povoadores do Alto Tejo. É com base nestes factos, e em fatores linguísticos, que parece ser aceitável relacionar o atual subdialeto com os povoadores occitanos do início do século XIII.

Antecedentes francos em Portugal (1033-1199)

Dos quatro avós de D. Sancho I, o Povoador, segundo rei de Portugal, entre 1185 e 1211, três eram nascidos em territórios atualmente franceses (mapa 1). Apenas a sua avó paterna, D. Teresa de Leão (1080-1130), condessa portugalense, era de naturalidade e ascendência ibérica. O seu marido, conde D. Henrique (1066-1112), era filho do duque da Borgonha, genealógica e politicamente ligado ao rei de França, e neto do conde de Barcelona cujos herdeiros viriam a ser reis de Aragão a partir de 1162.

O avô materno de D. Sancho I foi Amadeu III, conde da Saboia (1092-1148), e a avó materna foi Mafalda de Albon (1105-1145), da casa condal do Delfinado. A Saboia e o Delfinado, integrados no reino da Borgonha-e-Provença,

também reino de Arles, estavam sob proteção do germânico Sacro Império Romano. A mãe do avô materno de D. Sancho I era da casa dos condes da Borgonha e irmã de Raimundo da Borgonha, conde da Galiza, a partir de 1096, e pai do herdeiro da coroa de Leão e Castela. O sogro de Raimundo, Afonso VI de Leão e Castela, era também sogro do conde D. Henrique, avô paterno de D. Sancho I. Além de sogro de D. Henrique, era também casado com a sua tia Constança da Borgonha, rainha de Leão e Castela. Em síntese, dos três avós francos do rei povoador, um nasceu no ducado da Borgonha, território francês, e dois no reino da Borgonha-e-Provença, dependente do Sacro Império.

Esta intrincada genealogia de D. Sancho I deixa transparecer o conhecido envolvimento borgonhês na cruzada ibérica. Além de Constança, do seu genro Raimundo e do seu sobrinho D. Henrique, no século XI, também os bispos do Porto e de Braga, na primeira metade do século XII, eram francos. Na segunda metade do mesmo século, foram sucessivamente doadas terras a cruzados francos nas regiões de Óbidos, Peniche, Lourinhã, Alenquer, Azambuja, Benavente, Sesimbra e Silves.

Dois factos estão na origem deste envolvimento. Por um lado, a Bula da Cruzada (1063), com que o papa concedia uma indulgência geral aos cavaleiros francos que partissem para a cruzada ibérica, tornando-a atrativa para jovens nobres que não herdavam títulos nem património e que não estavam dispostos a ingressar num convento nem a prestar vassalagem a outros senhores feudais. Além disso, havia a perspetiva de casar com herdeiras dos territórios da (re)conquista. O avô paterno de D. Sancho I,

¹ Em nota de rodapé será apresentada a etimologia do topónimo determinada por Machado (1993), sempre que o topónimo é registado na obra.

conde D. Henrique, e o seu tio-bisavô Raimundo são dois em muitos exemplos desta realidade.

Por outro lado, o envolvimento borgonhês deveu-se à atividade religiosa e militar da abadia de Cluny, criada no ducado da Borgonha no início do século X, instalada na península a partir de 1033 e também envolvida na Primeira Cruzada que conquistou Jerusalém (1099). Nesta altura, a abadia era dirigida por Hugo de Cluny, mais tarde canonizado, tio de Constança e tio-avô do conde D. Henrique. A abadia de Cluny reorganizou e centralizou a fragmentada estrutura da Igreja romana medieval, atividade que incluiu o estabelecimento dos itinerários da importante e popular peregrinação a Santiago de Compostela. Entretanto, também no ducado da Borgonha, fora fundada a abadia de Cîteaux/Cister (1098). A sua influência em Portugal, onde se estabeleceu em 1144, passando depois a nomear os bispos, culminaria com a criação da abadia cisterciense de Alcobaça (1153), durante séculos centro artístico, cultural e intelectual do país.

Povoamento do Alto Tejo (1199-1296)

Em 1199, a herdade da Açafa foi doada por D. Sancho I aos Templários, ordem religiosa e militar também de origem franca. O seu território incluía aproximadamente os atuais concelhos de Castelo Branco, Vila Velha de Ródão, Nisa e Castelo de Vide, região escassamente povoada e definitivamente portuguesa apenas desde o início da década.

Açafa é um topónimo com origem na palavra árabe *as-saffa*, com o significado de *linha, fila, sebe, valado*, que é um dos poucos onze topónimos do atual território de Portugal incluídos no mapa-mundo de Al-Idrisi, de 1154. O topónimo aparece registado junto ao Tejo, na zona em que

o rio atravessa uma fila de montanhas atualmente conhecida como serra das Talhadas. Junto às Portas do Ródão desagua hoje no Tejo a ribeira do Açafal.

A primeira localidade no território da Açafa (mapa 4) a receber foral foi Castelo Branco (1213), a que se seguiram Nisa (1232), Castelo de Vide (1276), Vila Velha de Ródão (1296) e, na segunda metade do século, Montalvão e Arês. No mesmo período, foi concedido foral às vizinhas Proença-a-Velha (1218), Proença-a-Nova (1244) e Tolosa (1262). Se antes de receber foral, o Ródão era a Açafa, Castelo Branco chamava-se Vila Franca das Cardosas. Pelo contrário, o topónimo Proença-a-Nova só substituiu Cortiçadas em finais do século XVI.

Toulouse e Provença (1093-1271)

A hipótese de origem occitana dos (re)povoadores da Açafa assenta em vários fatores. Desde logo, as relações político-dinásticas entre Portugal e o sul de França. Além dos antepassados de D. Sancho I, também a sua mulher a partir de 1175, D. Dulce, era infanta de Aragão e tia de Afonso II, conde da Provença entre 1198 e 1209. O herdeiro da coroa portuguesa, D. Afonso II a partir de 1211, casou em 1208 com D. Urraca, infanta de Castela, cunhada de Raimundo VI, conde de Toulouse e marquês da Provença, entre 1194 e 1222, e sobrinho bisneto da condessa portugalense, D. Teresa de Leão.

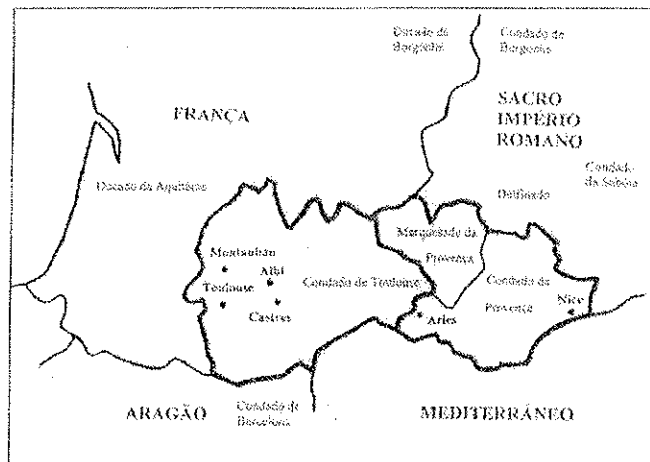
O condado de Toulouse, com origem no antigo reino da Aquitânia, no século VIII, sendo vasalo do rei de França, era então uma entidade completamente autónoma. Já a Provença, sob proteção do Sacro Império Romano, era essencialmente constituída pelo marquesado da Provença, da casa de Toulouse desde 1093, e pelo



condado da Provença, da casa de Barcelona, posteriormente Aragão, desde 1112.

Mapa 1

Sul de França em 1209



A estas relações político-dinásticas, aliam-se outros fatores políticos, religiosos, demográficos e culturais verificados no sul de França. Com efeito, cerca de 1120 registam-se em Toulouse os primeiros sinais da dissidência herética dualista vulgarmente conhecida como catarismo e em expansão noutras regiões da Europa. No sul de França, os cátaros eram conhecidos como albigenses, devido ao facto de a cidade de Albi ter sido um importante centro de expansão do movimento. Durante o século XII, a região conheceu um enorme desenvolvimento económico — ao integrar-se nas redes comerciais que ligavam o Médio Oriente ao norte da Europa —, cultural — a poesia trovadoresca e a arquitetura românica — e demográfico — o sobrepovoamento das zonas rurais, causa da escassez de alimentos, levou muitos a partirem para a península ibérica em busca de sustento.

Dadas as proporções que estava a tomar, ameaçando o poder papal, o catarismo foi condenado pelo Terceiro Concílio de Latrão (1179), foi desenvolvida a Inquisição, criada em 1184, foi fundada a Ordem dos Dominicanos (1205) que se expandiu a partir de Toulouse, e foi lançada a Cruzada Albigense (1209-1229), a única em território cristão e que teve como um dos seus líderes iniciais mais notáveis o duque da Borgonha, cunhado de D. Sancho I, que viria a recusar o domínio da região devastada, abandonando a cruzada. Logo em 1209, Albi e a vizinha Castres foram ocupadas pelas forças francesas. Em Castres, terra natal do mais influente prelado cátaro, Guilhabert de Castres, realizou-se o primeiro auto de fé de albigenses. Quatro anos depois, altura em que tanto o rei de Portugal, D. Afonso II, como o conde de Toulouse, Raimundo VI, tinham sido excomungados, foi concedido foral, no Alto Tejo, a uma localidade — Castelo Branco² — cujos habitantes passaram a ser albigenses. A sua terra foi, desde aí, a mais importante da região, mas nunca sede episcopal.

Nos anos seguintes, o condado de Toulouse foi palco de batalhas e perseguições que afetaram toda a população, em especial, o cerco de Béziers (1209) e a batalha de Muret (1213) em que morreu Pedro II, rei de Aragão, sobrinho da viúva de D. Sancho I. Até 1218, o condado foi dominado pelo cruzado francês Simão de Monforte e em 1229 o conde de Toulouse, Raimundo VII, primo direito de D. Sancho II, perde o marquesado da Provença. Em 1232, os Dominicanos passaram a ser responsáveis pela Inquisição. A partir da queda de Toulouse, em

² Machado (1993) diz desconhecer a causa do topónimo formado a partir das palavras portuguesas *castelo+branco*. Note-se a não (co-)existência do nome / adjetivo **castelo-branquense*.

1213, o descontentamento com a repressão francesa e as perseguições levaram à fuga de muitos cátaros e à dispersão de jograis e trovadores e consequente difusão da lírica provençal por toda a Europa. Chegados a Portugal ainda antes de 1211, tiveram uma influência determinante nas cantigas de amor galego-portuguesas. Por fim, na sequência da Cruzada Albigense, Toulouse viria a integrar definitivamente os domínios do rei de França, em 1271.

Entretanto, desde 1108, Nice, no extremo oriental da Provença, era uma república independente, à semelhança de Génova e Pisa. O seu domínio ao longo do século XII foi disputado entre os partidários da integração no condado da Provença e os partidários da república. Finalmente, em 1229, o conde Raimundo Berengário IV da Provença, primo de D. Sancho II, conquista Nice e expulsa os republicanos derrotados. Em 1246, a Provença passa a integrar definitivamente o reino de França. Três anos após a partida dos exilados de Nice foi concedido foral a Nisa³, no Alto Tejo português.

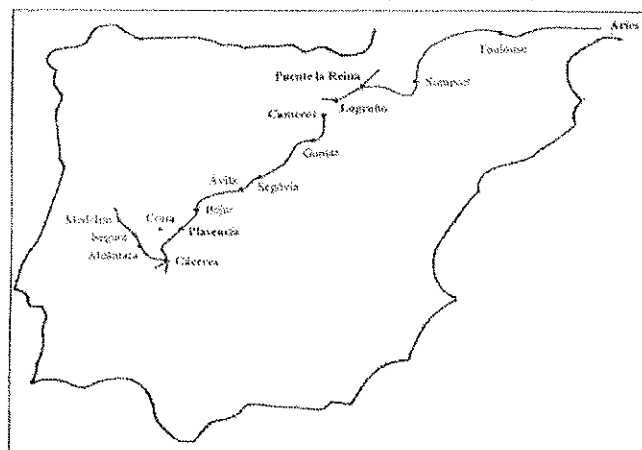
De Arles até Arés

A deslocação dos colonos oriundos do condado de Toulouse e da(s) Provença(s), a cerca de 1.200 km do Alto Tejo, pode ter sido facilitada pela existência de itinerários medievais amplamente conhecidos na época. Primeiro, um caminho de peregrinação a Santiago de Compostela, a Via Tolosana, que começava em Arles, onde confluíam dois caminhos secundários. Um vindo do norte, atravessando o marquesado da Provença e descendo ao longo do Ródano até Arles onde o rio era transposto. O

outro vindo do leste, atravessando todo o condado da Provença, a partir de Nice. A Via Tolosana passava por Castres e Toulouse e entrava na península pela portela de Somport (1.632 m), nos Pirenéus. Daí seguia para Puente de la Reina (Pamplona) onde se juntava aos outros três itinerários francos. Em Logroño, o Caminho Francês para Santiago atravessava o Ebro, seguindo para Ocidente.

Mapa 2

Itinerários ibéricos (século XIII)



Algumas dezenas de quilómetros a sul de Logroño, iniciava-se o Caminho Real Soriano Ocidental, uma das nove vias pecuárias de transumância norte-sul — com o avanço das fronteiras cristãs para sul, retomavam-se então itinerários com provável origem pré-romana — e a única que atravessava a península na diagonal, entre as atuais províncias de Logroño e de Badajoz. Este caminho partia da Terra de Cameros, atravessava a cordilheira ibérica pela portela de Santa Inés (1.750 m), próximo da nascente do Douro que transpunha em San Esteban de Gormaz. A partir daí, seguia ao longo cordilheira central que atra-

³ Segundo Machado (1993), Nisa é o feminino latino de Nisos, personagem mitológica grega.



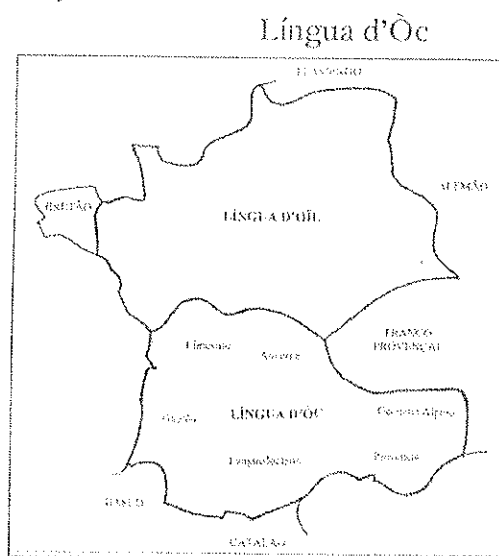
vessava na portela de Béjar (932 m), depois de Segóvia e Ávila. Descia, então para Plasencia e Cáceres, terminando em Olivença. Em Cáceres, o Caminho Real cruzava a rota da via romana que ligara Mérida a Braga, passando por Alcântara e entrando em território português pela ponte de Segura, seguindo para Idanha-a-Velha, Medelim e Belmonte, num traçado paralelo ao limite norte da herdade da Açafa. No entanto, a instabilidade que ainda se vivia em Alcântara e Cáceres, definitivamente leonesas apenas nos anos 1220, poderá ter levado muitos povoadores a abandonar o Caminho Real próximo de Plasencia, seguindo para o Alto Tejo português por Cória, a escassos e pouco acidentados 30 km da fronteira. Por este itinerário, seriam necessários cerca de dois meses de caminhada para ir de Arles até Arês⁴.

Toponímia do Alto Tejo

A língua falada e escrita dos francos que foram os primeiros (re)povoadores do Alto Tejo não era nenhuma variedade do francês — língua *d'oïl* —, mas variedades do occitano ou provençal — língua *d'òc* — mais próximas das variedades neo-latinas ibéricas, em particular do catalão, que das variedades neo-latinas gaulesas faladas a norte do rio Loire e que estão na origem do francês contemporâneo. Em occitano, Toulouse é Tolosa⁵, Montauban é Montalban⁶, Nice é Nissa ou Niça e Provence é Provença, como atualmente em português. Na Idade

Média, porém, eram também utilizadas em português as formas Prouença e Proença⁷.

Mapa 3



Diante do muito provável afluxo de um número significativo de colonos oriundos de Montauban, Nice, Toulouse, Arles — Arle em occitano, Arel em latim —, Albi, Castres e da Provença em geral, não só no final do reinado de D. Sancho I, mas provavelmente durante toda a primeira metade do século XIII, é possível conjecturar acerca da origem do topónimo Ródão inexistente até então. Com efeito, os territórios dos condes da Provença e de Toulouse, ambos parentes próximos dos reis de Portugal, eram, respetivamente, delimitados e atravessados pelo rio Ródano. Tal como *mano* deu origem a *mão*, terá Ródano dado origem a Ródão⁸? De notar, porém,

⁴ Segundo Machado (1993), Arês/Aréz tem origem no topónimo latino *Arício* provavelmente derivado do pré-celta *ar*, equivalente a rio.

⁵ Machado (1993) corrobora a etimologia provençal de Tolosa.

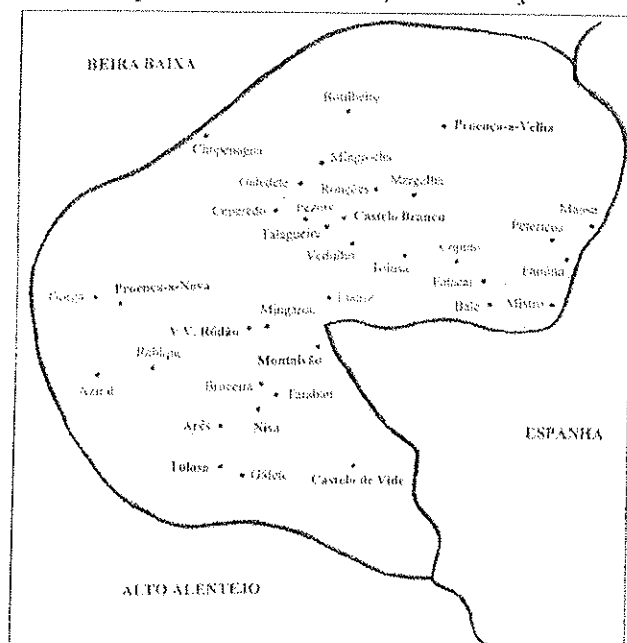
⁶ Segundo Machado (1993), Montalvão resulta da aglutinação das palavras portuguesas *monte*+*alvão* (branco).

⁷ Machado (1993) corrobora a equivalência entre Provença e Proença.

⁸ Machado (1993) propõe a origem comum de Ródão e Ródano / Rhône na designação celta *rho*+*dan* equivalente a “rio rápido/caudaloso”.



Mapa 4



Na região do Alto Tejo há atualmente, pelo menos, outros vinte e seis topónimos que parecem igualmente poder resultar do povoamento occitano do século XIII, quase metade no concelho de Castelo Branco.

vento (Mistro), elevação (Coputo), molhado (Chopenágua), charco (Gorga), jorro (Ronções) —, a fauna — pintarroxo (Lucriz), piolho (Pezois) — e a flora — mato (Broceira⁹), cogumelos (Ceperedo), azevém (Margalhá¹⁰), malva (Mausa), trepadeira (Vedulho).

Particularmente interessante parece ser o caso dos topónimos Mingarou e Mingrocha, com evidente origem comum, ambos designação de regiões, mas distantes cerca de 40 km. Em occitano, o radical *mingr-* está na origem das palavras *mingra* (desgosto, mágoa), *mingrar* (magoar), *mingre* (triste) e *mingrós* (desgostoso). Além da afinidade entre as palavras portuguesas e as palavras occitanas é surpreendente o significado das últimas, por tão perfeitamente se adequar à situação provavelmente vivida pelos primeiros (re)povoadores do Alto Tejo, fugidos da instabilidade prolongada no sul de França. Seriam Mingarou e Mingrocha duas regiões distintas, como atualmente, ou todo o Alto Tejo seria a terra do desgosto? É de realçar outros quatro topónimos, todos denominações de regiões, cujos eventuais étimos provençais pertencem ao mesmo campo semântico: odiar (Aziral), infortúnio (Fainina), farrapo (Fatacal¹¹) e estrago (Talagueira).

Segue-se um conjunto de topónimos cujo étimo provençal proposto é um nome ou adjetivo masculino que pode qualificar pessoas: forte (Balés), camponío (Petericos), raivoso (Rabique) e falador (Tarabau). Neste último caso, constata-se, mesmo assim, uma diferença assinalável entre o topónimo e o étimo proposto. O conjunto seguinte é constituído por designações cuja

⁶ Machado (1993) regista o topónimo Broça, com etimologia obscura.

que Ródano é o equivalente português de Rhône, que em occitano é Ròsc. Terá, então, a adoção da palavra portuguesa sido uma estratégia de dissimulação, tão própria dos fugitivos e exilados, idêntica à eventualmente utilizada no caso de Castelo Branco? Deixar uma marca clara mas não evidente, através de cripto-topónimos!

Mapa 4

Topónimos do Alto Tejo: localização



Na região do Alto Tejo há atualmente, pelo menos, outros vinte e seis topónimos que parecem igualmente poder resultar do povoamento occitano do século XIII, quase metade no concelho de Castelo Branco.

A maior parte dos topónimos cuja origem occitana se propõe (Tabela 1) teriam assim origem em elementos da natureza: a geografia —

vento (Mistro), elevação (Coputo), molhado (Chopenágua), charco (Gorga), jorro (Ronções) —, a fauna — pintarroxo (Lucriz), piolho (Pezoís) — e a flora — mato (Broceira⁹), cogumelos (Ceperedo), azevém (Margalhá¹⁰), malva (Mausa), trepadeira (Vedulho).

Particularmente interessante parece ser o caso dos topónimos Mingarou e Mingrocha, com evidente origem comum, ambos designação de regiões, mas distantes cerca de 40 km. Em occitano, o radical *mingr-* está na origem das palavras *mingra* (desgosto, mágoa), *mingrar* (magoar), *mingre* (triste) e *mingrós* (desgostoso). Além da afinidade entre as palavras portuguesas e as palavras occitanas é surpreendente o significado das últimas, por tão perfeitamente se adequar à situação provavelmente vivida pelos primeiros (re)povoadores do Alto Tejo, fugidos da instabilidade prolongada no sul de França. Seriam Mingarou e Mingrocha duas regiões distintas, como atualmente, ou todo o Alto Tejo seria a terra do desgosto? É de realçar outros quatro topónimos, todos denominações de regiões, cujos eventuais étimos provençais pertencem ao mesmo campo semântico: odiar (Aziral), infortúnio (Fainina), farrapo (Fatacal¹¹) e estrago (Talagueira).

Segue-se um conjunto de topónimos cujo étimo provençal proposto é um nome ou adjetivo masculino que pode qualificar pessoas: forte (Balés), campónio (Petericos), raivoso (Rabique) e falador (Tarabau). Neste último caso, constata-se, mesmo assim, uma diferença assinalável entre o topónimo e o étimo proposto. O conjunto seguinte é constituído por designações cuja

⁹ Machado (1993) regista o topónimo Broça, com etimologia obscura.

¹⁰ Machado (1993) regista o topónimo Margalha, feminino do apelido Margalho.

¹¹ Machado (1993) regista o topónimo Fataca, de fataca, instrumento usado no fabrico do queijo.



Tabela 1

Topónimos do Alto Tejo: etimologia occitana

IGeo	Laus	Significado	Descrição	Concelho
Azirai	asirar	odiar	região	Mação
Balcé	balès	forte	região	Idanha-a-Nova
Botilheiro	botelhièr	despenseiro	lugar	Castelo Branco
Broceira	brossa	mato	lugar	Nisa
Ceperedo	cepièra	terreno de cogumelos	região	Castelo Branco
Chopenágua	chòp	molhado	região	Castelo Branco
Coputo	copet	elevação	casas	Castelo Branco
Faítina	faïna	infortúnio	região	Idanha-a-Nova
Fatacal	fata	farrapo	região	Idanha-a-Nova
Gáfete	gafet	aprendiz	povoação	Nisa
Galedete	galet	gargalo, pescoço	vale	Castelo Branco
Gorga	gorga	goteira	região	Proença-a-Nova
Lucriz	lucre	pintarroxo	ribeira	V.V. Ródão
Margalhã	margalh	azevém	lugar	Castelo Branco
Mausa	mausa	malva	região	Idanha-a-Nova
Mingarou	mingra	mágoa	região	Ródão
Mingrocha	mingra	mágoa	região	Castelo Branco
Mistro	Mistral	vento	monte	Idanha-a-Nova
Petericos	pèterrós	campónio	região	Idanha-a-Nova
Pezois	pesolh	piolho	lugar	Castelo Branco
Rabique	rabie	raivoso	povoação	Mação
Ronções	ronç	jorro	barranco	Castelo Branco
Talagueira	tala	estrago	região	Castelo Branco
Tarabau	tarabastèla	matraça, falador	casas	Nisa
Tolosa	Tolosa	Toulouse	barranco	Castelo Branco
Vedulho	vedilha	trepadeira	lugar	Castelo Branco



etimologia proposta designa ocupações profissionais: despenseiro (Botilheiro¹²) e aprendiz (Gáfete¹³). Por fim, registre-se a repetição do topónimo Tolosa, agora para designar um barranco, e o provável étimo galet (gargalo, pescoço)¹⁴ para designar um vale (Galedete).

Regionalismos nisorros

Aparentemente, a língua occitana também deixou marcas no vocabulário próprio da região de Nisa, os regionalismos nisorros. Na monografia dos 1940 sobre a matéria é possível identi-

car a origem occitana de 14 palavras, cerca de 1% de todo o vocabulário registado nesse estudo (Tabela 2). Nenhuma destas palavras é dicionarizada como léxico geral da língua portuguesa.

Sendo o occitano uma língua muito próxima do português é compreensível que não se consiga detetar grande quantidade de vocabulário português de origem occitana.

Há um conjunto de propostas em que o regionalismo se afasta mais da forma etimológica original — *cachamela* —, mais do significado original — *garrudo* — ou até de ambos — *banda-*

Tabela 2

Regionalismos nisorros

Carreño	Significado	Laux	Significado
afalcoado	fraco, cansado	afalhocat	fraco, abatido
bandareco	homem irrequieto	bandar	embriagar-se
brinhol	bolo de azeite espiral frito	Brinholo	Brignoles (top)
cachamela	chicote	cachar	ferir, magoar
desgate	maldade	desgatinhar	implicar, discutir, aborrecer
escagateado	excessivamente ornado	escag	quantidade, número
esfalcoado	esfomeado	afalhocat	fraco, abatido
falega	preguiça	falet	preguiçoso
galhete	pescoço	galet	gargalo, pescoço
garrudo	cabeludo	garrut	vigoroso, robusto
landeio	vadiagem	landar	vadiar
marfado	estragado, velho, podre	marfir	murchar
pelariano	vadio	pelha	trapo, farrapo
talaborda	falador, matraca	tarabastela	matraca, falador

¹² Machado (1993) regista o apelido Botilher, com origem no espanhol botiller, vendedor de bebidas.

¹³ Machado (1993) sugere, sem certezas, o étimo espanhol gafeti, uma planta, ou o mesmo que outro topónimo do Alto Tejo, Cáfedo, de origem desconhecida.



reco e escagateado —. Nos restantes casos, porém, poder-se-á reconhecer com mais certezas essa origem.

Relativamente a *galhete* e *talaborda*, exatamente com o mesmo significado dos seus étimos, lembrem-se os topónimos Galedete e Tarabau. Já o adjetivo occitano *afalhocat* parece estar claramente relacionado com os adjetivos nisorros *afalcoado* e *esfalcoado*¹⁴. A proximidade entre as palavras occitanas e nisorras e o respetivo significado é também evidente em *desgate*, *falega*, *landeio*, *marfado* e *pelariano*. Por fim, a designação do bolo frito de azeite — *brinhol* — poderá ser uma evocação da cidade provençal de Brignoles — Brinholo ou Brinhòla em occitano —, a meio caminho entre Nice e Arles.

Conclusão

A causa da vinda de povoadores para a região do Alto Tejo português foi a necessidade premente de consolidar a soberania sobre territórios recentemente integrados no reino de Portugal. O facto de eles serem do sul de França dever-se-á, por um lado, à estreita relação familiar e política entre a família real portuguesa durante a dinastia borgonhesa e os senhores de Toulouse e da(s) Provença(s). Por outro lado, dever-se-á à turbulência prolongada que se verificava nestes territórios densamente povoados, por causa de disputas entre os senhores feudais, mas essencialmente por causa dos cátaros, ou melhor, por causa das reações contra os cátaros que estiveram na origem do desenvolvimento da

Inquisição e da única cruzada em terras cristãs, que levaria à expansão do reino de França para o sudeste occitano-provençal. Por isso, os povoadores poderão ter sido cátaros e republicanos de Nice fugidos da perseguição ou simplesmente população fugida da instabilidade.

A aceitar-se esta hipótese, o povoamento do Alto Tejo terá ocorrido não só no final do reinado de D. Sancho I, mas ao longo de toda a primeira metade do século XIII e não só no Alto Alentejo, mas também na Beira Baixa. A existência da Via Tolosana, do Caminho de Santiago e do Caminho Real Soriano Ocidental sugere um itinerário possível para a caminhada de mais de mil quilómetros até à entrada em Portugal pela região de Segura.

Se as palavras Nisa ou Tolosa estabelecem uma relação direta e evidente, mas contestada, entre a toponímia do Alto Tejo e a língua occitana, identificam-se mais de três dezenas de outros topónimos que, com graus diferentes de probabilidade, reiteram essa relação. A mesma relação pode ser estabelecida com regionalismos próprios de Nisa. É neste contexto que parece aceitável também relacionar o timbre das vogais do subdialeto do Alto Tejo com o occitano. Com efeito, as três características vocálicas que distinguem o subdialeto — *ü*, *ö*, *ə* — também são características do occitano, aliás como do francês, que não se verificam, em simultâneo, em nenhuma outra parte da península ibérica e que são, ao contrário do francês, as únicas diferenças fonológicas entre o occitano e o português, ambas línguas neo-latinas do ramo ibérico.

¹⁴ Houaiss (2002) regista o regionalismo alentejano *afalcoado*, com o mesmo significado, com origem portuguesa no participio passado de *a+falcão+ar*.



BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (2005). "Le siècle des cathares". In *Le Moyen Age des hérétiques. Les collections de l'Histoire* 26. Paris: Société d'éditions scientifiques.
- Almeida, Álvaro Duarte e Duarte Belo (2008). *Portugal Património. Guia — Inventário*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Beaumont (2008). *Dictionnaire en ligne Occitan-Français et Français-Occitan*. Freelang.com.
- Carreiro, Maria Eduarda V. (1948). *Monografia Linguística de Nisa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Castro, Alexandre de Carvalho (1986). *Nisa e suas Freguesias Rurais. O que se tem escrito respeitante à origem dos seus nomes*. Nisa: Câmara Municipal de Nisa.
- Cunha, Celso e Lindley Cintra (1997). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 13ª edição.
- Daniel-Rops (1961). *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas. História da Igreja de Cristo III*. Porto: Tavares Martins.
- Duroselle, Jean-Baptiste (1990). *História da Europa*. Lisboa: Dom Quixote.
- Gordon, Jr., Raymond G. (ed.) (2005). *Ethnologue. Languages of the World*. Dallas: SIL International.
- Grenier, Alexandre (coord.) (1995). *J'aime la Provence*. Paris: Ed. Atlas.
- Houaiss, António (dir.) (2002). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ladurie, Emmanuel Le Roy (1962). *Histoire du Languedoc*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Laux, Christian (2001). *Dictionnaire Occitan-Français. Languedocien*. Réalmont: Section du Tarn de l'Institut d'Etudes Occitanes.
- Laux, Christian (2004). *Dictionnaire Français-Occitan. Languedocien central*. Toulouse: Institut d'Estudis Occitans.
- Machado, José Pedro (1991). *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Lisboa: Ed. Notícias.
- Machado, José Pedro (1993). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mattoso, José e Armindo de Sousa (1992). *História de Portugal, vol. 2. A Monarquia Feudal (1096-1480)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Oliveira Marques, A. H. (1995). *Brève História de Portugal*. Lisboa: Presença.
- Ramos, Rui (coord.) (2009). *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Saraiva, António José e Óscar Lopes (1976). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto.



- Sayed, Ayman Fouad (1998). *The Role of Arab Geographers in drawing the Map of the World*. Cairo: League of Arab States.
- Sellier, Jean (1997). *Atlas historique des provinces et régions de France*. Paris: La découverte.
- Valdeavellano, Luis G. (1988). *Historia de España antigua y medieval*. Madrid: Alianza.
- Veríssimo Serrão, Joaquim (1995). *Historia de Portugal. Estado, Política e Nação* (1080-1415). Lisboa: Verbo, vol. 1, 5ª ed.
- Vidal-Naquet, Pierre & Jacques Bertin (1990). *Atlas Histórico. Da Pré-História aos nossos dias*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- Walker, Joseph M. (1999). *Historia de España*. Madrid: Edimat.

SITIOGRAFIA

Instituto Geográfico do Exército. IGEOE SIG — Sistema de Informação Geográfica Online. Disponível em www.igee.pt (acedido entre janeiro e julho de 2010 e em maio de 2011).